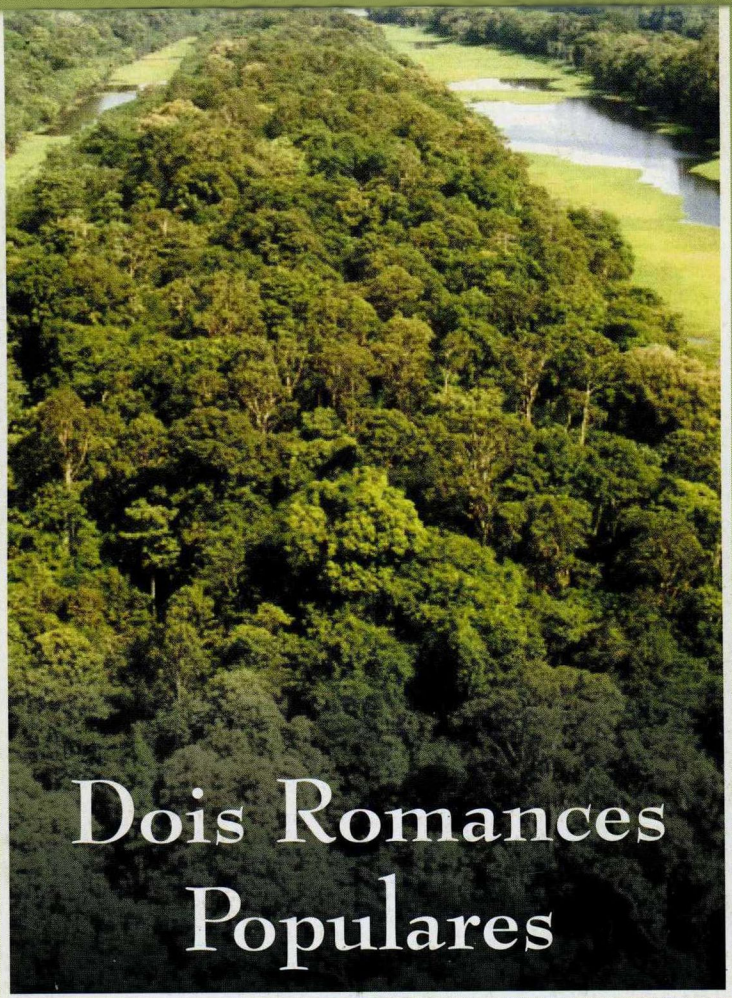


Dois Romances Populares

Coleção Documentos da Amazônia Nº 19

Fac-similado

Mário Ypiranga Monteiro

Edições Governo do Amazonas

GOVERNO DO

AMAZONAS

Governador do Amazonas
Amazonino Armando Mendes

Vice-Governador do Amazonas
Samuel Assayag Hanan

Secretário de Estado da Cultura, Turismo e Desporto
Robério dos Santos Pereira Braga

Secretária Executiva de Estado da Cultura, Turismo e Desporto
Vânia Maria Cyrino Barbosa

Secretária Executiva Adjunta
Inês Lima Daou

Assessor de Edições
Antônio Auzier Ramos

Associação dos Amigos da Cultura
Saul Benchimol
Presidente

Alberto Paixão Gonçalves
Diretor Executivo

SEC
Secretaria de Estado da
Cultura, Turismo e Desporto

Av Sete de Setembro, 1546 - anexo ao Centro Cultural Palácio Rio Negro
69005-141 Manaus - Am - Brasil Tels (92) 633 2850 / 633 3041 / 633 1357 - Fax (92) 233 9973
e-mail sec@visitamazonas.com.br - www.visitamazonas.com.br

Mário Ypiranga Monteiro

Dois Romances Populares

(Fac-similado)

Coleção
Documentos
da Amazônia
N. 19

Edições Governo do Estado
Manaus - 2001

Copyright 2001 Governo do Estado do Amazonas
Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto

Acompanhamento Editorial: Editora da Universidade do Amazonas - EDUA

Editoração Eletrônica: Lídia Santos da Silva

Capa: Lídia Santos da Silva

Monteiro, Mário Ypiranga
Dois Romances Populares / Mário Ypiranga Monteiro (fac-similado). Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.
13p.: 21 cm. (Coleção Documentos da Amazônia, n. 19)

1. Amazônia - história 2. Literatura brasileira I. Título

CDD 981.2 CDU 891 (811.31)
869.3B 82-31 869.0(81)

O que estamos conseguindo realizar nas atividades culturais de modo geral não tem paralelo no governo. No campo editorial já superamos todas as marcas, dando oportunidade aos novos escritores, reeditando clássicos da Amazônia, reanimando autores que, de há muito, não manifestavam interesse em retornar às lides literárias, gerando emprego na indústria editorial, renda e permitindo, o que é mais importante, que as prateleiras das livrarias e bibliotecas sejam permanentemente renovadas de autores com vinculações com a nossa terra.

E ainda há muito para realizar. E vamos persistir neste trabalho de ideal e preparação do futuro.

Neste título festejamos de forma especial o professor Mário Ypiranga Monteiro, símbolo das letras no Amazonas.

Amazonino Armando Mendes
Governador do Estado do Amazonas

Apresentação

Uma sociedade se torna prestigiosa do ponto de vista sociocultural quando é possuidora de uma tradição cultural vigorosa e identidade definitivamente reconhecida. No entanto, esses aspectos dependem de dois fatores que propiciam esse panorama: a pesquisa e o profundo conhecimento e estudo das tradições e das características que rodeiam a coletividade.

Em *Dois romances populares*, do professor Mário Ypiranga Monteiro, percebe-se que o resultado da dualidade pesquisa e estudo somente vem contribuir para o desenvolvimento de nossa sociedade. A partir de métodos de pesquisa utilizados por um grupo de alunos da Universidade do Amazonas, foi possível recolher vasto e importante material literário de tradição oral-popular que, com a devida análise literária, especificamente neste livro, dos romances "A peregrina" e o "Romance do cego caminhante" enriquecem a cultura local.

Assim sendo, a literatura que se produz no Amazonas ganha nova roupagem, já que nesses textos transparecem, de acordo com o professor Mário Ypiranga, a influência de modelos literários compósitos de outras culturas que permitiram o enriquecimento de uma tradição poética e prosaica, mas com características marcadamente amazônicas:

O importante é que tanto no texto em verso (fragmento), muito analítico, como no prosaico, não há linha extensa da freqüência daqueles títulos conhecidos nas versões paralelas, ocorrendo que a versão recolhida pelos meus alunos do Curso de Letras situa-se ao nível da glosa, de onde saltam os motes "Peregrino/trovador; canção/lira". Não duvidamos um só instante de que essa perdida versão manauara

esteja filiada ao tronco euro-brasileiro, mais diretamente talvez do que ao tronco oriental-brasileiro..."

Dois romances populares revela ao público uma forte tradição oral, seja na poesia ou prosa, que só enriquecem as nossas letras. Mas não termina aí o grande mérito do livro. Ao leitor também é permitido visualizar o processo de formação da identidade regional, pois os textos recolhidos carregam características e valores que, no decorrer de nossa história, permearam a construção de nossa sociedade.

Tenório Telles

DOIS ROMANCES POPULARES

Mário Ypiranga Monteiro*

Cabe inteira, aos alunos da segunda série do Curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Amazonas, a honra de haverem coletado, em 1969, na Colônia de Oliveira Machado (subúrbio de Manaus), resíduos de romances velhos populares de procedência européia. Por qualquer circunstância que não fica bem estabelecida, a tradição linear da peça resultou compósita. A equipe experimentada, que não mediu sacrifícios naquela empresa, enfrentando todas as dificuldades, inclusive incompreensão de professores que se dizem tais e fadiga, agindo com espírito de classe e consciência universitária, estava composta dos alunos, hoje professores: José Paula da Rocha, Antônio Anselmo, Luís Francelino, Rosane de Melo Franco, Bernardette G. Ferreira, irmã Eunice Costa Mendes, Cruesa Maria Lopes, Marco Aurélio Silva, Giralcina Pessoa Reis, Berenice Gonçalves de Oliveira, Vicente Pantoja Evangelista, Isabel de Sousa Barros, Sônia Silveira de Aguiar, Maria de Sousa Gomes, Ivonilda Faria e Maria de Nazaré Ribeiro Nogueira, supervisionada pela aluna irmã Evelina Trindade. Essa equipe denominada "Tricentão" (homenagem aos trezentos anos de Manaus, cumpridos naquele ano), trabalhou de acordo com os métodos científicos de pesquisa de campo, não faltando gravador, fotógrafo, desenhista, musicógrafo e redator, apresentando relatório dos trabalhos. Outras equipes também dedicadas recolheram farto material folclórico popular, e a elas me reportarei oportunamente. Consigno aqui o meu reconhecimento a todas aquelas pessoas que operando de acordo com os ensinamentos básicos da teoria da pesquisa, subministrados nas aulas de Literatura Amazonense, levantaram cinco volumes de material oral-popular nos principais bairros de Manaus.

***Professor da Universidade Federal do Amazonas. Presidente da Comissão Amazonense de Folclore.**

Os romances mais característicos apanhados na pesquisa de campo da turma "Tricentão" foram A casteliana (sic) Ou Canção do peregrino e João de Calais. Falaremos apenas do primeiro, oferecendo o resíduo textual em versos e uma síntese da parte prosaica.

Nasci a cumbre de uma montanha
Virbando os raios devastador
Cresci ao fundo de uma cabana
Hoje sois hombre muiro de amor,
5 Pobre madre llora mi pena
Quando quirem causar-me mal
Llorando dixi é por mi vena
Torre torrente sangue real.
Que vida outubro me apelidaram
10 Que noche horrible me vio nascer
Olha os bandidos que alimentaram
Já lá coidada me dio ser.
Nasci a cumbre de uma montanha
Virbando os raios devastador
15 Detrás do muro verás mi mana
Rota me lira seu cantor.

Não procuramos parangonar o texto. Os resíduos de português embricados no castelhano fornecem a tônica da convergência, inserindo a note característica da origem centenária do romance fragmentado. Faltam, entretanto, no texto exposto, sem dúvida, alguns dos episódios seqüentes, a batição monótona da rima, mas o clima patético ocorre nos versos 10-11-12, resquícios declamatórios de filiação incógnita. Esse pequeno poema musicado, como se disse, esta inervado na prosa, e por isso mesmo constitui assimilação. O interessante mesmo vem no texto que começa com o verossímil: "Era um casteliano naquele tempo, era o tempo do rei e da rainha, do príncipe e da princesa". O argumento é válido, portanto, a partir da chave popular "Era uma vez...".

Na moldura prosaica é que surgem as zonas episódica, o eterno sempre novo tema da angústia encharcada de vozes pitorescas pela contínua participação dos elementos orais, pela difusão horizontal. A princesa que teve um filho espúrio e é renegada pelo pai, integrando-se na desdita. Certa feita, chega ao castelo (o Peregrino diz na canção que nasceu no cume de uma montanha, o que é correto tratando-se de residência nobre medieval) o rei condói-se da peregrina, reconhece nela a filha e o neto, perdoa-os. "Aí, pronto, foi só".

Muito simples, ao modo da percepção popular, despojada dos elementos elaborados. O romance medieval é uma continuidade daquele episódio fáustico cujo protótipo é, ainda, a Peregrina, anônimo e corrente na Europa e Brasil. ora todo em versos ora todo novelística e prosaico.

No século XVIII dom Afonso X de Castela e Leão transportou o romance já popularizado para uma cantiga sua, e de numero V (1959, I: 15) com a rubrica: "Esta é como Santa Maria ajudou a Emperatriz de

Roma a sofre-las grandes coitas per que passou". Ora, o sábio rei-poeta, logo de início, (verso um, cota cinco), explica:

> "E desto vos quer` eu ora contar, segund`a letra diz,
> un mui gran miragre que fazer quis pela Emperatriz
> de Roma, segund'eu contar oy, per nome Beatriz"

Logo-logo, observe-se o esquema (ar-iz-er-etc) característico das rimas dos romances populares, excluindo-se o metro que no texto restituído aparece congeminado. Portanto, de acordo com o testemunho "segundo a letra diz" (literatização?) e "segundo contar ouvi" (audiência = popularização), reporta-se ele a versão mais antiga, pois "letra", marginada, e **prolongamento** metafórico de verso, ainda usado quando se trata, como no caso sujeito, de cantiga (som) musicada.

Luís da Câmara Cascudo (1953), sempre ágil na exploração erudita dos temas populares clássicos, devotou-se ao assunto. Enjorca-se no diploma manuscrito SPECULUM HISTORIALE, de que o rei de França Luiz IX possuía exemplar e mandou fazer cópia doada ao reipoeta. Todavia, não encontrei no bem informado ENGLISH WOODCUTS (1935) referente a 1480-1535, nenhuma referência ás fontes primígenas, salvo erro. Todavia que não poderiam passar despercebidas a Angustin Duran (1943), dois alentados volumes. Me parece que este monumento da literatura espanhola é o maior repositório dos romances velhos de tradição oral, os "pliegos-sueltos" vivos todavia na Ibéria.

Suputamos a nossa redação (de Manaus), uma glosa, ou pelo menos uma convergência de temas mas não podemos dilucida se de origem literária ou netamente popular. No caso manauense a princesa contracena com um amante abstrato, mas no original popular ela, casada, apenas aparece vítima da calúnia levantada pelos inimigos da virtude e torturada pelo marido-rei (a imagem do senhor truculento) que a manda enxovalhar pelos criados, no bosque. Os recursos episódicos de destaque, em guisa de elementos fixadores, incluídos nas vertentes primitiva e local vão ser aqui significados com as letras latinas O (original) e M (Manaus). Assim teremos duas linhas paralelas seguidas de participação convergente: Peregrino (M); trovador-lira (M); criada real (O-M); simulacro de sacrifício da princesa na floresta (O-MI; substituição da princesa por animal (cachorra) (M); criada real ouve a cantiga do Peregrino (M); perdão da princesa (O-M); Peregrina (O-M).

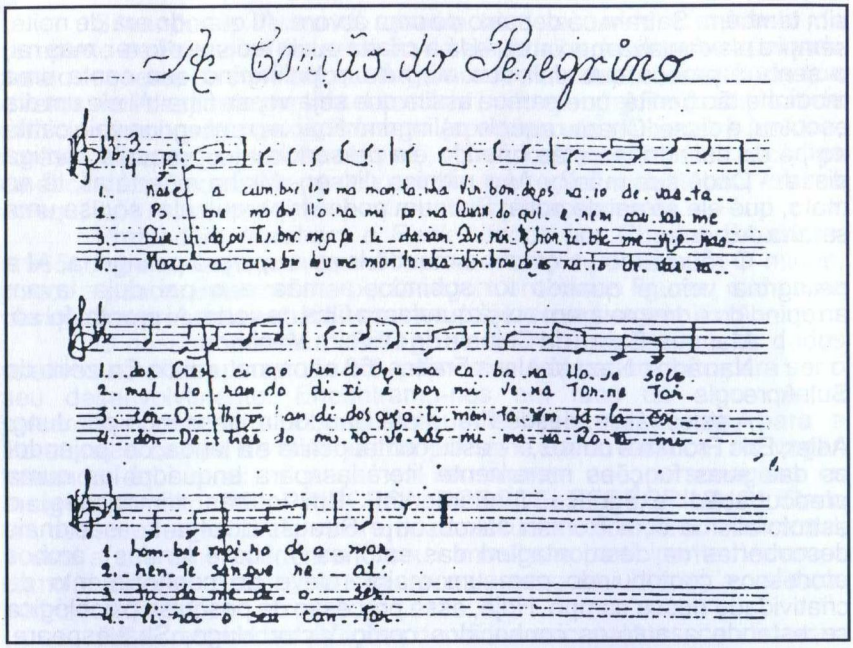
O texto em prosa recolhido em Manaus diz o seguinte, no fim: "mas rei, o senhor, parece que dali, que ali, há um piligrino, que canta uma modinha tão bonita, que parece assim que seja vossa filha". A transferência da personalidade, no epílogo, está claro, como se houves se epifenômeno, pois sabemos que na versão de Manaus contracenam mãe/filho, mas no clássico argumento houve apenas o falso testemunho. No final que citamos as duas personas superpõem-se, unificam-se para restar apenas a Peregrina caluniada e reabilitada (O-M). Reinventemos o esquema:

"A Peregrina"	
Redação O	Redação M
Criada real	Peregrino rovador/lira Criada real
Sacrifício simulado	Sacrifício simulado Cadela (animal)
Perdão real	Canção do Peregrino Perdão real
Peregrina	Peregrina

O importante é que tanto no texto em verso (fragmento), muito analítico, como no prosaico, não há uma linha extensa de freqüência daqueles títulos conhecidos nas versões paralelas, ocorrendo que a versão recolhida pelos meus alunos do Curso de Letras situa-se ao nível da glosa, de onde saltam os motes "Peregrino/trovador; canção/lira". Não duvidamos um só instante de que essa perdida versão manauara esteja filiada ao tronco euro-brasileiro, mais diretamente talvez do que ao tronco oriental-brasileiro, com acenos á fantasia arábica. A só circunstância das palavras portuguesas embutidas no texto indica ser ele espanhol de origem. Mas, que diabo aconteceu nessa linha de tradição popular, para que acabasse num modelo compósito, bilingüe (vozes e eventos), numa banda de participação insólita (M) e brasileira na outra banda prosaica (O)? É o que não explica a marcha constante da tradição oral. Contentamo-nos de saber, apenas, que existe esta versão e que se deve aos alunos do Curso de Letras a oportunidade de haver levantado mais uma lebre. A honra lhes cabe inteira, desse auspicioso evento, que é o aumento do acervo folclórico amazoense. Oxalá um dia possamos encontrar condições materiais a para divulgação dos cinco volumes de estórias coletadas em cinco anos de atividade de campo, material que em outra atmosfera cultural seria bem recebido e encaminhado á divulgação.

Pela exposição dos fatos, parece, á primeira vista, haver mais acúmulo de significados na redação (M) do que na (O). Não é isto o que pretendemos demonstrar, tomando por base a redação (M) muito resumida em comparação aos clássicos correntes. O que se deseja é evidenciar não só a assimilação de traços essenciais como a recriação de traços "possivelmente" não encontrados nas seculares redações, por onde se conclui que houve mesmo convergência e não existe paralelismo.

A análise freqüentativa dos elementos fixadores, com sua respectiva tabela redutora, não poderia ser ampliada nesta simples informação, que já vai longa, ficando para estudo mais racional.



Transposição musical pela professora Betty Antunes de Oliveira, da Comissão Amazonense de Folclore, em 1974, a pedido do autor.

O mesmo romance em prosa, narrado pela mesma senhora Nazaré Alves Freitas, de 69 anos, que o dissera em versos:

O PEREGRINO

Era um casteliano, naquele tempo, era o tempo do rei e da rainha, do príncipe e da princesa. Lá, a princesa saiu gestante, o rei velhos sintiu e mandô butá ela nas montanhas, matá! Aí um velho foi dexá elanas montanhas, num teve corage de matá porque ela era muito bonita. Dexô ela e matô uma cachorra, tirou o sangue, e trouxe pro rei velho vê.O rei viu e ficou satisfeito, matô ela.

A princesa ficou no meio do assolarado, do deserto e no meio dos bicho. A morada dela era uma loca de pedra, ai chegou o tempo dela tê o filho, teve, um menino. Aí quando o menino tava grandinho,um dia ele perguntô: Mamãe, por que é que nós mamana, por que nós moramo aqui na mata, no deserto?- Ela disse: meu filho, é porque você num tem pai, eu saí, eu sai grávida da casa do seu avô e ele mandô butá nós no deserto. Aqui no deserto eu dei luz a você, eu ensinei você aprendê lê na terra firme, pra você lê - Aí ele disse: mamãe, será que a senhora acerta a sair na terra do meu avo? - ela disse: acerto, meu filho, eu acerto. Ai saíram e ficaram debaixo, ela com a saia de pena e ele as-

sim também. Saíram cá debaixo de uma árvore. Aí quando era de noite, sempre ela cantava modinha. Aí lá a criada ouviu e disse pro rei: mas rei, o senhor, parece que deli que ali, há um pelingrino que canta uma modinha tão bonita, que parece assim que seja vossa filha. Aí ele um dia escutou, e disse: Chame aquele pelingrino aqui, e o pelingrino veio cantá no pé da escada, e então quando ele presenciou toda aquela cantiga disse: - Cadê sue mãe? - Aí o menino disse: - Minha mãe tá ali, tá no mato, que ele só sai de noite. Ela num pode vir porque ela só usa uma saínha de pena.

O rei chamou a criada e mandô leva roupa prá pelingrina. Aí a pelingrina veio e quando foi subindo, a mãe e o pai dela tavam arrepindido e desmaiaram poi já queriam a filha de vorta. Aí pronto, foi só.

Manaus, Bairro da Colônia de Oliveira Machado.

Narrador: Nazaré Alves Freitas, 69 anos, natural de Cruzeiro do Sul. Acre.

A psicanálise, desde Freud até Baudouin, passando por Jung, Adler, Eric Fromm e outros, investiu contra o mito e a lenda, despojando-os das suas funções meramente literárias para enquadrá-los numa preocupação exegética fundamental. Em outras dimensões, o estruturalismo com Roman Jakobson e Strauss divulga sensacionais descobertas na desmontagem das estórias (mitos e lendas), ambos processos contribuindo para um maior relevo do conhecimento da criatividade nesse campo. Hoje, esse processo de pesquisa psicológica se estende a autores conhecidos como Victor Hugo, Shakespeare, Baudelaire, etc., não se desprezando a biografia como elemento de apoio. O que mais importante, todavia, é o dessecamento do inconsciente popular de vez que este possui coordenadas menos expostas e necessitadas de aprofundamento. Os complexos de Édipo, de Prometeu e Diana são trazidos á luz meridiana pelo tratamento psicoanalítico de certas peças literárias. Em alguns casos mais insólitos chega-se ao primitivo (o homem, por mais culto, não se despoja de certa carga tradicionista) que está no totemismo. Estudos de Oto Rank e Samuel Reynard e a alentada obra de James Frazer, O **Ramo de ouro**, mostram a vinculação persistente, inconsciente, da criação com o passado ou individual ou coletivo.

Quase todos os mitos que serviram de núcleo formador se estenderam do inconsciente popular ao consciente e inconsciente erudito. E também a Antropologia Cultural e Social com Strauss devassa o mito e procura explicá-lo de maneira muito conveniente, embora contrariando opiniões formadas.

O romance popular **A PEREGRINA** não pôde escapar a essa ordem de valorização psicanalítica. É um desses esquemas elaborados popularmente reelaborados, e que surge à luz da psicanálise com a sua carga de implicações afetivas e sua depuração trágica. Encontramo-nos diante de uma lenda partejada pelo mito. É evidente, como elemento de valor, a noção de culpa. A tragédia, no original, está armada: Rei, princesa (filha), bosque, vitimários, perdão, em ordem descendente. De outro modo esses valores essenciais podem ser permutados na mesma ordem, ocorrendo animais e outras classes sociais humanas.

Situando-se dentro do quadro bem resumido e modesto do complexo de Prometeu (intermédio do edipiano e do diano) e apelando para o esquema de confrontos, chegamos facilmente á conclusão de que o verossímil desponta por trás da estória (mito e lenda) Rei (complexo de exibicionismo - potentado); Princesa (complexo de mutilação); bosque; floresta, cárcere (regressão uterina), vitimários (sanção pública, código de ética da sociedade exigente); perdão (correção, reabilitação, retorno ao equilíbrio moral-social, resposta, satisfação aos mores).

Pretendem Abraham e Rank citados por Charles Baudouin, (1965), "que um mito, no curso de sua evolução, decompõe a miúde, pouco a pouco, uma mesma personagem em várias figuras, cada uma das quais representa um dos aspectos do personagem primitivo".

O nosso romance **A Peregrina** contém, parece-me, os dados relativos ao drama, mas não o é, pois deixou de ser um mito para ser o seu desenvolvimento. Encontramo-nos em face de algo que a psicanálise denomina inconsciente coletivo e representa, para a literatura, o campo de enfoque da poesia e da novelística. Ao vagar, tateando aqui e ali, alcançamos reconhecer nas personagens os **insights** do mito: REI, PRINCESA, BOSQUE, PEREGRINA(O). Cada um desses elementos de valor que constituem o complexo tradicional, possui a sua ambivalência e o seu simbolismo participante. Veremos como a estória repete, na sua poesia e no seu horror, a validade intrínseca do mito.

RE I - retomadas as lições de vários psicanalistas, condiciona o complexo de austeridade, da vergonha, da impecabilidade; um senso sublime de respeito e ordem ás instituições morais, que não advoga juízos contrários e se fecha no seu complexo de superioridade. É o símbolo da castidade, do decoro, do principado da defesa intransigente e instintiva, É o consciente humano alerta.

PRINCESA - filha do Rei. Deve de simbolizar a falha do consciente prevenido mas não incapaz de brechado. Essa princesa (filha do rei) realiza o complexo da mutilação (perda da virgindade ou simplesmente atentado contra o pudor e o decoro, ofensa á dignidade da família, desobediência ás sanções ético-sociais e mantém-se em subjacência).

BOSQUE - Complexo totêmico, também uterino. Na versão amazonense a princesa desgasta os vestidos e fica seminua vestindo-se de penas. Este último recurso se adapta muito bem á vida das mulheres indígenas, é uma ressonância da vida da narradora entre povos humildes do Acre.Versão do clássico é a cova e o caminho fechado, a escuridão que simbolizam o útero.

PEREGRINA (O) - Na nossa versão (fragmento) há esse elemento, que se confunde, nas versões clássicas, com a própria Beatris (A Peregrina). O filho, nascido e criado em recesso (bosque/cova/montanha/deserto) é o símbolo do pecado, da falha do consciente através da mãe. A cadeia completa-se pela reabilitação, regeneração da culpa do consciente (rei). O título hierárquico confere com o complexo exibicionista como dissemos antes e segundo a lição de Baudouin, mais na relação comum não existe o filho da princesa que é abstrato. Ela é mandada

ao bosque na companhia de criados a fim de ser morta; todavia escapa pela porta da comiseração e habilita-se ao perdão real. Este elemento de valor nas estórias concorre também naquela dos pais pobres que mandam sacrificar a filha (filho) por não poderem sustentá-lo, mas o vitimário imola um carneiro. É o que sucede na lenda de José do Egito, atirado na cisterna abandonada e depois vendido, apresentando os irmãos uma pele de carneiro ao pai. De qualquer sorte a existência do bosque/caverna apela para um elemento de sugestão que é o útero materno, pois foi difamada pelos inimigos. O rei "sofre", inclusive, do complexo de castrarão. Tudo resolvido na lenda, o mito continua oferecendo ambages. A PEREGRINA (rainha ou princesa, pastora ou santa) ainda é um símbolo ambivalente da preocupação solta que pode subministrar dados ao sonho. Claro que estamos sintetizando a lenda da princesa Beatris, mas o mito continua enriquecido dos seus complexos.

ROMANCE DO CEGO CAMINHANTE

(tipo lazarilho)

O espirituoso romance oral que anexamos a esta breve referência fazia parte do repertório de cantigas de esmoler, umas do tipo "sacrais", outras jocosas, disseminadas dia a dia por um cego andarilho que implorava a caridade pública de porta em porta. Mais tarde o vi cantando a mesma peça acompanhado ao acordeão por outro ceguinho sedentário, mas o fato não possui relevância porque se trata apenas de episódio esporádico. O detentor do monopólio da peça era o cego ambulante Francisco Xavier de Almeida, que fazia escala continuamente á minha porta na rua Dez de Julho, Manaus. Dele ouvi com interesse repetidas vezes o romance picaresco que ajunto aqui por duas razões de peso: a melodia é assaz bonita e o texto literário conduz o estudioso a sérias cavilações. Trata-se de peça popular aprendida pelo cego no interior do Estado, mais precisamente no rio Juruá, de onde viria ele na cada de vinte para Manaus, com a mãe. Passou a esmolar nas ruas, com ela o guiando, até que falecida, ele já experimentado com seu tosco bordão faz a coleta sozinho. Seria necessário, como complemento a essa situação original, confirmar que o rio Juruá foi daqueles que atraiam colonos estrangeiros de todas as partes do mundo, mas principalmente ciganos e nordestinos.

É um desses divertidos poemas cujo autor foi negligenciado pelos cantadores primitivos ou pelo próprio cego Xavier, que na sua meninice não teve melhores condições de vida e portanto não poderia (salvo seja) criar uma peça de tamanha conspicuidade. Justamente porque não se trata de tema original, novo, como vamos verificar.

Inegavelmente o texto nos parece uma vertente erudita. O que se torna curioso nele é a disposição das rimas (tipo de verso monorrímico) com acabamento sonoro vocálico (ía), fato que não me parece assaz comum nos romances populares brasileiros e mesmo nos de extração européia. Apesar de que o já nomeado rei dom Afonso X o repetisse, inclusive naquele que reproduzimos no romance antecedente.

Veio-me á lembrança, logo que o ouvi a vez primeira, semelhança longínqua com a arquitetura poética árabe. De qualquer sorte a fonte primígena desta bela cantiga é a novela picaresca LAZARILLO DE TORMES, mais ou menos surgida no século XVI, anônima (1947, Barcelona). A novela foi escrita e reescrita várias vezes, com várias edições, talvez até acrescentada com aquele punto de que fala o aviso exemplar: quem conta um conto acrescenta um ponto, devendo ler-se "ponto" não como expressão terminal, mas como ornato melódico. Da sua larga difusão pelo mundo ibero-americano e europeu teria acontecido uma suposta paródia. Quanto á música sobre que se apóia o texto literário, ignoramos sua origem e nem mesmo o cantador cego sabia explicá-la. Pode ser que se trate de uma adaptação.

- Pergunta o cego ao seu guia
porque a dama que o seguia
tão bonita lhe sorria
como se amar-lhe queria;
O malandro desconfia
como era que percebia
se sozinho não podia
rogar esmola na via.

Explica o cego que via
tudo o mais conforme ouvia
e que a noite parecia
a mesma coisa que o dia;
Vai daí o mestre-guia
que de fome padecia
resolver que se vingaria
da pança, sempre vazia.

Que o cego quando dormia
no enxergão tudo escondia
não deixando todavia
ao pajem magra fatia;
Porém este de vigia
noite a dentro surripia
o farnel que apetecia
regar com vinho à folia.

Aos reclamos respondia
o velhaco que sabia
de um ratinho que comia
o bocado dia a dia;
Mas o cego não se fia
e flagrou quem lhe bebia
o bom vinho e consumia
Presunto, pão e aletria.

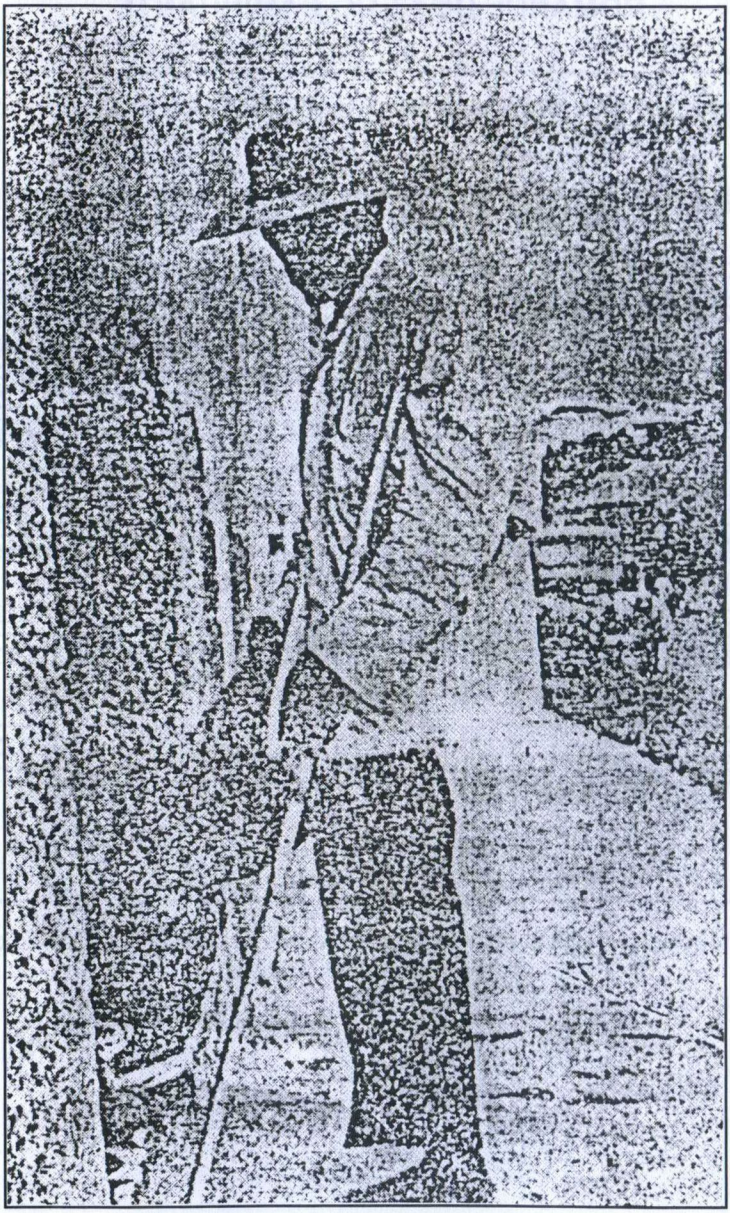
Pegou o cego a fasquia
dando peia no seu guia
pra ensiná-lo que devia
jejuar como ele o fazia;
Pra livrar-se da arrelia
que odiava e maldizia
resolveu que bem faria
usar de patifaria.

De certo que provaria
se o patrão via ou não via
mas a sua picardia
a prova conseguiria;
Disse ao cego que podia
ir á aldeia que entrevia
se de um golpe e com mestria
pulasse sobre a água fria.

Frente a uma árvore dizia
ser ali que conviria
dar o salto e cairia
do outro lado da enxovia;
Pergunta o cego se havia
rego estreito e se podia
sem esforço e energia
cair na grama macia.

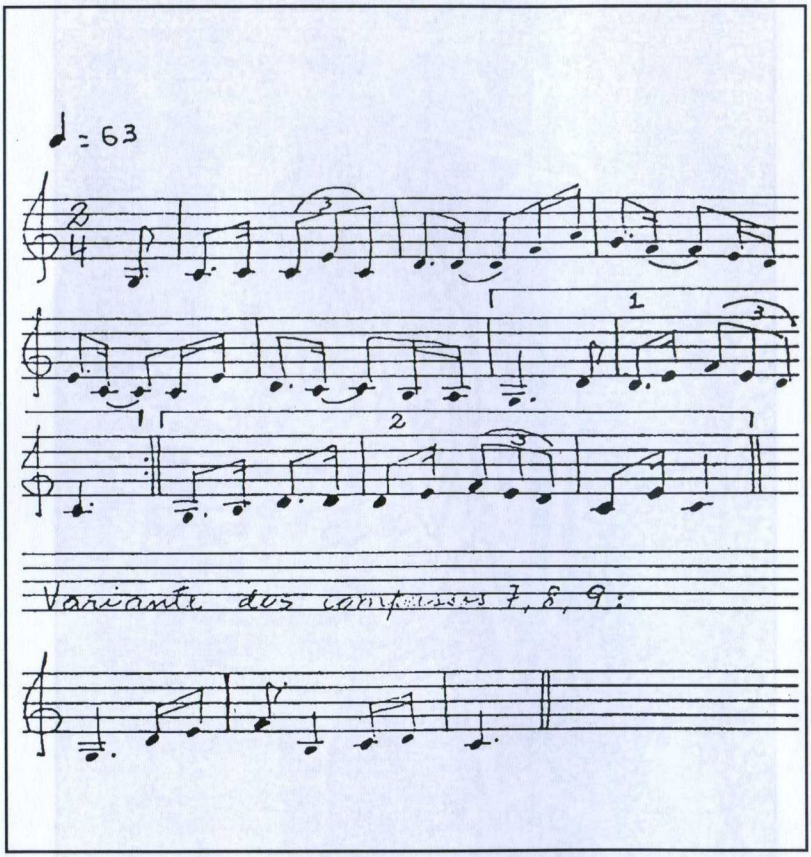
Que sim responde e sorria
o canalha com alegria
certo de que findaria
seu penar naquele dia;
No vago-mestre confia
o sovina e se enfia
de carreira e pum! Cáia
de encontro ao pau e morria.

Na feira um cego extraía
desta história sem valia
bom exemplo em que via
natural filosofia;
Todo aquele que porfia
Presunçoso - algum dia
paga em dobro a mania
de expor vã teoria.



O cego ambulante Francisco Xavier de Almeida, cantor do romance.

ROMANCE DO CEGO CAMINHANTE



Transposição musical pela professora Maria de Cáscia Frade: (Rio de Janeiro), a pedido do autor.

BIBLIOGRAFIA

Afonso X, **CANTIGAS DE SANTA MARIA**. 1959. Universidade de Coimbra.

Anônimo, **LÁ VIDA DE LAZARILLO DE TORMES Y DE SUS FORTUNAS Y ADVERSIDADES**. Barcelona, 1947.

Baudouin, Charles. 1955. **PSICANÁLISE DEL ARTE**. Buenos Ayres.

Cascudo, Luís da Câmara. 1953. **CINCO LIVROS DO POVO**, Rio de Janeiro, Ed. José olympio.

Duran, Agustín.1943. **ROMANCEIRO GENERAL**, 2 vols. Madrí.ENGLISH WOODCUTS (1480-1535); 1935, Oxford, Inglaterra.

Monteiro, Mário Ypiranga. 1974. **ROTEIRO DO FOLCLORE AMAZÔNICO**, segundo volume, Manaus, Imprensa Oficial do Estado.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura